

A VOZ NA TANATOPOLITICA

Mauro M. Dias¹

RESUMO

O objetivo desse texto é o de mostrar, desde o conceito de voz em Psicanálise e na Filosofia, de que maneira a “vida matável” assim nomeada por Giorgio Agamben, como fundamento da tanatopolítica, se revela para além do exercício do poder na holística, introduzido pela obra de Hobbes na modernidade. Uma vez que a tanatopolítica se realiza segundo a deformação das leis da linguagem, cabe ressaltar que seu avanço se dá pelo consentimento discreto à redução da invenção e do riso.

PALAVRAS-CHAVE: Voz, Tanatopolítica, Poder, Linguagem.

¹ Psicanalista. Diretor do Instituto Vox de pesquisa em Psicanálise, SP. Conduz a atividade, Oficina da voz, no Instituto Vox. Realiza apresentação de pacientes no Hospital São João de Deus Autor de livros e revistas em Psicanálise, sendo o último como organizador da coletânea, A voz na experiência psicanalítica, Ed Zagodoni - SP.

De forma a acompanhar o que segue nomeado como tanatopolítica, é preciso não somente reconhecer que o conceito advém da obra de Giorgio Agamben, *Homo sacer* (AGAMBEN, 2002), e, mais além, que um deslocamento se opera na concepção de política, o qual determina uma mudança em sua apreensão habitual. Da maneira em que tendemos a concebê-la, política deriva “do adjetivo originado de pólis (politikós), que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável [...]”. Encontra-se, assim, em linha de continuidade com a “influência da grande obra de Aristóteles intitulada *Política*, considerada o primeiro tratado sobre a natureza, funções e divisão do Estado, e sobre as várias formas de governo ” (DICIONÁRIO DE POLÍTICA p.954).

Na época moderna, o termo política perdeu seu significado original, já que se encontra “estritamente ligado ao de poder”, uma vez que este último designa, pela influência da obra de Hobbes, “a relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro a própria vontade e lhe determina, malgrado seu, o comportamento” (DICIONÁRIO DE POLÍTICA , p.954).

Quando Giorgio Agamben localiza a tanatopolítica “na interseção entre a decisão soberana sobre a vida matável e a tarefa assumida de zelar pelo corpo biológico da nação” (AGAMBEN, 2002, p.149), ele assim o faz devido à possibilidade, inaugurada na modernidade, de integrar a presença do poder como íntimo à política. Entendemos que, nesse sentido, tal integração condiciona a admitir que o poder aja sobre os corpos de tal maneira que a vida se encontra na dependência do que o autor nomeia de “poder soberano”, ou seja, um tipo de agenciamento que “não permite mais pensar a política sem o corpo” (SAFATLE, 2015, p.22), tornando a vida matável, nua. Por extensão, nas palavras de Agamben: “Não se poderia dizer de modo mais claro que o fundamento primeiro do poder político é uma vida absolutamente matável, que se politiza através de sua própria matabilidade” (AGAMBEN, p.96).

Em continuidade ao que vinha sustentando, Agamben avança na direção de reconhecer “na biopolítica moderna o soberano como aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal”. Assim, tomando como referência os totalitarismos do século XX, o Führer “decide da própria consistência da biopolítica”. (p.149).

Acompanhemos a maneira pela qual a presença do Führer se esclarece, para além das análises críticas que em geral recebe, as quais, sem saber, contribuem para uma redução do entendimento da continuidade de sua presença. O autor começa lembrando-nos de que seu poder “é muito mais ilimitado visto que se identifica com a própria vida biopolítica do povo alemão”. O que se impõe devido a essa condição? Agamben responde: “toda palavra sua é imediatamente lei”, e ainda, “ele se reconhece imediatamente no próprio comando”. (AGAMBEN, 2002, p.190).

Consideremos que o Führer, enquanto o soberano “que decide sobre o valor ou desvalor da vida”, é apresentado por via de uma palavra que é, ao mesmo tempo, lei e comando. Sendo assim, o soberano que estrutura a vida política de nossas sociedades se sustenta enquanto exceção às leis da linguagem. Isso porque, devido à competência simbólica das leis do discurso, não há como uma fala se manter fazendo da palavra, lei, tampouco de ser reconhecida no próprio comando, tão somente. Ao considerar a íntima ligação entre linguagem e inconsciente, a fala humana é marcada pela divisão daquele que fala, devido à inclusão do sujeito como atestado da sexualidade desejante.

A presença do inconsciente e do desejo sexual, pela Psicanálise, como forma de situar uma experiência, permite reconhecer que o funcionamento do poder soberano é uma estrutura que promove efeitos tanto na economia do desejo, quanto na dos gozos. Isso porque, ao sermos comandados por uma palavra que é lei e comando, isso significa admitir que a escolha fosse retirada de cena. Contudo, a questão não se reduz a promover um diagnóstico da retirada de cena do poder de escolha. Uma vez que existe o funcionamento de um conjunto de relações baseadas na exceção, fundadas por ela, isso determina que não haja exercício da competência simbólica e, que, se existente, tenderá à sua redução máxima.

A estrutura do poder soberano, destacada como biopolítica, implica a entrada em cena dos corpos como lugar em que exerce sua efetividade. Nesse sentido, pela Psicanálise, pode-se mostrar que há incidências dessa estrutura tanto modalizando posições discursivas, quanto causando desejo. Por isso mesmo é necessário avançar o ponto desde o qual as análises sobre a biopolítica tendem a se encerrar. Não se trata somente de reconhecer as limitações que tal estrutura política condiciona, tampouco de encontrar na razão de sua crítica, o apoio a

causas que a repetem, na medida em que se esgotam em combatê-la. Para tanto, será preciso partir do princípio de que a tanatopolítica não se reduz à destruição dos corpos sob a forma da vida matável, enquanto fim de pertença ao laço social.

Uma vez que a tanatopolítica introduz como prática a presença do poder soberano, ela promove uma redução das significações simbólicas. Isso porque o primeiro efeito que se recolhe de uma estrutura que não se sustenta pelas leis da linguagem é o empobrecimento da língua. É o que se pode acompanhar no estudo de Victor Klemperer sobre “A linguagem do Terceiro Reich.”

A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente de forma tão mais natural, quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar. (KLEMPERER, 2009, p.11).

Antes ainda de apreendermos os efeitos da tanatopolítica, pela matabilidade, expressando-se nos genocídios e nas “expulsões”, é preciso reconhecer que os genocídios, em particular o de Ruanda e dos judeus, foram fomentados, cada um deles, pela repetição de discursos que reduziam os semelhantes à condição de objetos repugnantes, dejetos, ratos, baratas. Dessa maneira, sem nenhum reconhecimento simbólico ao outro, o consentimento à sua eliminação avança numa velocidade atroz. A ação que responde ao comando para os massacres obedece a uma voz que se sustenta e é fomentada pelo ódio e pela crueldade. O ódio aí comparece como afeto, isolado por Freud como responsável pela noção de exterior, no sentido de ser sinônimo do que vem de fora barrar a satisfação que se supunha possível e imperdível.

Se há privação de gozo, o fundamento dessa lógica é que há um Outro que quer o meu mal, e por isso ele precisa ser destruído, massacrado, da mesma maneira como se faz com os pequenos répteis e insetos. O apogeu dessa política se estrutura por um ódio que encontra fundamento legítimo pela matança, tornando-a justificável, uma vez que inventa um inimigo, que rouba a satisfação. Como afirmou Jacques Sémelin, “[...] o ato de massacrar constitui a prática mais espetacular de que um poder dispõe para afirmar sua transcendência, marcando, martirizando, destruindo os corpos de quem ele designou inimigo” (SÉMELIN, 2009, p. 25).

A voz que é sustentada por uma posição determinada pela crueldade recusa qualquer tipo de reconhecimento que envolva comoção na presença do Outro. Há uma recusa em se deixar afetar pela existência dos semelhantes. Sendo assim, no avanço da estrutura regida pelo poder soberano, na tanatopolítica encontra-se, hoje, “uma combinação de elites e de capacidades sistêmicas na qual o mercado financeiro é um facilitador fundamental, que empurra na direção de uma concentração aguda” (SASSEN, 2016, p.23). Isto posto “determina diversos tipos de expulsões, que equivalem a um processo de seleção selvagem” (SASSEN, 2016, p.12).

Considerar a crueldade como um afeto que atualiza a ação da estrutura do soberano, uma vez que o Outro não é reconhecido, significa estar advertido para o fato de que ela, a crueldade, desde a melancolia, nos ensina, como paixão extrema, a existência de um “sofrimento sem angústia” (HASSOUN, 1993, p.29), que é efeito do combate a um vazio que engole o sujeito.

Uma vez que se procura sustentar aqui que a tanatopolítica não se atualiza de uma única forma, isso se dá mesmo porque ela, primeiramente, vem precedida pela decomposição das tradições que constituem a herança cultural das diferentes sociedades. Para tanto, o estabelecimento das relações baseadas nas imagens irá compor o solo onde ela se dissemina. Não por acaso, Guy Debord, ao afirmar que: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14).

A extensão dessa condição de degradação que as relações sociais mediadas por imagens promovem, enquanto sustentadas pela redução do simbólico, encontra sua plena expressão no deslocamento operado por Mário Vargas Llosa, ao indicar que não se trata mais somente de uma sociedade do espetáculo, mas sim de uma civilização do espetáculo: “O que quer dizer civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigentes é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (LLOSA, 2013, p.29).

Tal tipo de tédio já havia sido reconhecido como efeito da presença da solidão, enquanto componente fértil para fomentar movimentos totalitários nas sociedades não totalitárias, através do estudo de Hannah Arendt sobre *As origens do totalitarismo*. Diz ela:

O que prepara os homens para o domínio totalitário no mundo não totalitário é o fato de que a solidão, que já foi uma experiência fronteiriça, sofrida geralmente em certas condições sociais marginais como a velhice, passou a ser, em nosso século, a experiência de massas cada vez maiores. O impiedoso processo no qual o totalitarismo engolfa e organiza as massas parece uma fuga suicida dessa realidade. (HARENDT, 2016, p.530).

Pelo que vem sendo exposto, percebe-se que não somente a tanatopolítica é uma estrutura que promove efeitos reconhecíveis em condições extremadas de destruição, como ainda “logra pleno êxito quando até os fatos que à primeira vista a contradizem começam a funcionar a seu favor” (ŽIZEK, 2009, p.326).

Afirmar que há uma voz da tanatopolítica implica reconhecer que ela não se sustenta, desde a Psicanálise, somente através de enunciados de comando que promoveriam os gozos da matabilidade. Em outro ensaio, num estudo dedicado à “vocaçã e voz”, Giorgio Agamben procura assinalar que, na tradição das obras de Heidegger e Hölderlin, a voz é não somente “um modo existencial fundamental”; ela também comparece como condição de nossa modernidade, uma vez que imprime uma “dívida com o judaísmo em que a revelação é sempre um fenômeno acústico” (AGAMBEN, 2015, p.76).

A voz, como sinônimo da “articulação entre o ser vivo e a linguagem”, permite dizer que ela é “a in-vocaçã da linguagem no duplo sentido de se situar em uma voz e de chamada, de vocaçã histórica que a linguagem confia ao homem.” (p.77). Se se pode admitir que haja invocaçã, sem haver condiçã de se situar em uma voz, no sentido de ausência de reconhecimento na chamada ao Outro, isso significa que não estará mais em exercício a vocaçã histórica que a linguagem confia ao homem, mas sim o surgimento da tanatopolítica como vociferaçã. Nesse caso, não se trata mais da voz como exercício diferenciado das significações que o sujeito dirige ao Outro, tampouco como descolamento e queda de seu emprego como objeto para servir aos desígnios de um gozo sacrificial. Não havendo separaçã, o sujeito haverá de se valer das mesmas estratégias de assujeitamento e destruiçã como forma de fazer constar sua presençã ao Outro. Caso não houvesse as condições de fracasso que o exercício da tanatopolítica produz, não haveria possibilidades de retomada da voz como causa de fracasso dessa estrutura política.

Insistir na direçã da metamorfose das vociferações em voz implica reconhecer que não se trata de uma saída solitária, que encontraria nos

escritores e nos artistas um exemplo idealizado de solução. Mais do que isso, trata-se de reconhecer que o advento da voz do sujeito como sinônimo de tomada da palavra e sustentação do desejo implica o abandono, num deixar cair a fascinação que os discursos de exceção promovem, estruturados que se encontram pela lei e pelo comando.

O desperdício de tantas iniciativas se faz notar já que o combate à fascinação reintroduz o sectarismo e a defesa de causas inabaláveis. Assim, a tanatopolítica engendra suas próprias formas de contestação. Se a experiência psicanalítica pode ser definida como uma experiência de subjetivação —através da verdade que causa o sujeito pelo desejo, deslocando-o de lugar -, isso significa que se torna necessário elencar as diferentes modulações determinadas pela tanatopolítica, como forma de abordar seus tratamentos possíveis (PROJETO, 2016). Implica, portanto, articular uma economia de desejo e de gozo que estruturam o ser de desejo pelo olhar e pela voz, pontos de instrumentalização privilegiados pela tanatopolítica.

A questão que parece permanecer pouco reconhecida tem a ver com certo consentimento discreto à tanatopolítica —responsável pela devoção a máximas que isolam o lugar do fracasso, como experiência que não se conta para estruturar os atos e as reflexões dos sujeitos marcados pela impossibilidade. Nesse sentido, o consentimento discreto à tanatopolítica reduz o poder transformador da invenção, pela vigência de um gozo que padece da falta de riso.

REFERENCIAS

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I*, trad. Henrique Burigo, 2ª Ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- _____. Vocação e voz. In: _____. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ARENDT, H. (1951) *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.
- HASSOUN, J. *A crueldade melancólica*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- KLEMPERER, V. *A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.
- LACAN, J. [1962-63]. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LACAN, J. [1964]. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LLOSA, M.V. *A civiliza o do espetáculo*. Trad. Ivone Benedeti. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.
- POLÍTICA. *Dicionário da política*. Vol. 2. Brasília: Ed UNB, 2008/2010, vol.II, p. 954.
- PROJETO "As vocifera es e seus tratamentos possíveis", Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, 23 dez 2016. Disponível em: <<http://www.institutovox.com.br>>, <www.youtube.com/watch?v=5E3NwTUsRak>. Acesso em: 9 jun 2017.
- SAFATLE, V. *Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo, fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SASSEN, S. *Expuls es: Brutalidade e Complexidade na Economia Global*. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- SEMELIN, J. *Purificar e destruir*. 9ª Ed., Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- ŽIŽEK, S. *Como Marx inventou o sintoma?* In Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

THE VOICE IN TANATOPOLITICS

ABSTRACT

The purpose of this text is to show — using the concept of voice in psychoanalysis and philosophy— how Giorgio Agamben’s concept of "killable life" as the foundation of “thanatopolitics” reveals itself beyond the exercise of power in the holistic sense introduced by Hobbes’s work in modernity. Since thanatopolitics is carried out according to the deformation of the laws of language, it is noteworthy that its advance occurs by a discreet consent to the reduction of invention and laughter.

KEYWORDS: voice, thanatopolitics, power, language.

LA VOIX DANS LA TANATOPOLITICA

RÉSUMÉ

L'objectif de ces text est montrer a partir du concept de la voix dans la Psycanalyse et la Philosophie la manière selon la “vie meurtrière”, nommé par Giogio Agamben, comme fondation de la tanatopolitica se montre plus loin d'exercice du pouvoir dans la Politique, introduisant pour l'ouvre de Hobbes dans la modernité. Une fois la tanatopolítica se réalise selon la deformation des lois du langage il convient de mentionner que son avance se mantien par consentement discret à la reduction d'invention e de rire.

MOTS-ÉCLÉS: Voix, Thanatopolitique, Pouvoir, Langage.

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php